

**com
cheiro
de
café
amargo**

Hosana Heitz Costa

Pausa para nascer

Por que escrevo? Porque preciso. É quase um respirar aliviada, quase um parar ofegante. Quase um desafogar. É quase, porque algo sempre me escapa. Algo fica para depois, aí preciso escrever mais um pouco. Escrevo para descrever as coisas que me escrevem. Escrevo para transformar em palavras o que não sabe falar. Escrevo, porque preciso inventar as verdades não-ditas, preciso revelar as mentiras escondidas. Escrevo o que não acabou. Escrever é uma necessidade. Comer, beber, banhar, defecar, urinar, dormir. Escrevo. A escrita me precede. Preciso escrever para tirar da minha frente e poder passar. Escrevo para poder viver depois. Estive sedenta pela escrita e precisava retornar a um lugar antigo de mim. Na minha imaginação, pareço com uma escritora de outra época, apegada à sua máquina de datilografar, apegada ao silêncio de um quarto,

interrompido apenas pelos sons das teclas. Precisava escrever para desengasgar as coisas aqui dentro da minha garganta e conseguir engolir livre. Precisava escrever para abrir caminhos, estradas, atalhos, pontes, travessias... E chegar do lado de lá. Também queria ter a sensação de ser lida. Há uma imensidão lá fora. Quem sabe?! Quando eu escrevo, me sinto como um barquinho à deriva no mar, com um azul inteiro só para mim. Sinto-me livre, nua e crua. E agradeço a quem lê. Obrigada a você que chegou até aqui. Obrigada pela curiosidade em só ver do que se tratava, ou pelo olhar, de qualquer forma. Quando uma criança nasce, ela primeiro é boca que se encaixa no peito. Depois, ela se encontra no olhar do outro. De repente, começa a se questionar qual seu lugar no desejo desse olhar que a olha e, então, se funda como ser. É mais ou menos assim que me sinto agora com esses olhares que passeiam nessas páginas. Nasceu um livro.

Ele ainda é pedaços: perna, tronco, mão, pé, boca, cabelo, coxa. São pedaços sem forma, em que dentro e fora ainda se confundem, mas que já foram fundados graças a esse encontro com esses olhares. Nasce o livro. E eu, junto com ele, também (re)nasço.

Palavra-semente

Há a solidão, mas não há o silêncio.

A poesia é a fala plena.

É a palavra como testemunha.

É terra fértil.

É a vida em sua potência.

Feito à mão

Queria inventar coisas, pois seria muito mais fácil falar distante e sobre o que já sei. Ocorre que eu não consigo. Minhas palavras estão encharcadas de mim. Queria inventar mil personagens e falar sobre o que já conheço. Mas só sei tratar do desconhecido que me habita. Queria falar de amor de longe, como um pesquisador falando de sua pesquisa. Não consigo. É que eu tenho a necessidade de tirar as palavras das minhas entranhas. Elas precisam vir carregadas de sangue, preciso fabricar cada uma misturada com saliva e suor. São palavras encharcadas de secreções. Parece que as tirei de meu ventre com minhas próprias mãos. Essas palavras são como criança que fica empolgada com brinquedo que acabou de sair da caixa. O que as move são beijos na boca do estômago. Minhas palavras precisam fazer esta dança no meio da não-ordem das coisas,

fazendo passo no contratempo, rodopian-
do no olho do furacão. Sem hora marcada.
Apenas vestida de roupa transparente, na
esperança de ser decifrada. Aqui fica o meu
avesso. Um estranho me vê nua antes de sa-
ber quem sou. Aqui está tudo o que não se
apresenta de mim. O que escrevo perdeu o
juízo e não o procura.

A vontade de matar a vontade de algo

Não sei o que aconteceu que hoje, especialmente hoje, depois de muito tempo, estou revivendo essas sensações que chegam junto de lembranças e vontade de saber por onde andas. Essa data não representa nada, foi um dia como qualquer outro, com as leituras de sempre, os estudos de sempre. Mas alguma coisa embolou aqui e não desce de jeito nenhum. Essa angústia que me atravessa e percorre todo meu corpo, para bem aqui em meus olhos. Meu Deus, não consigo escrever! E isso me perturba mais ainda. Preciso de silêncio para ouvir o barulho que faz dentro da minha cabeça e de tempo para conseguir que tudo isso saia, pois não me obedece, é indisciplinado, é rebelde, só faz o que quer. Preciso deixar que toda essa coisa que me corrói a pele e trinca meus ossos

se apresente, feroz e maldita tal qual ela é. Eu não consigo e isso me irrita. Algo vem e me interdita! Começo apertar as teclas com raiva para que as palavras saiam tremidas, assim como estão dentro de mim, na ponta da língua em forma de palavras mais hostis e perversas. Eu não consigo escrever uma só palavra a lápis, preciso ouvir o barulho do tequetequear do teclado, para que minhas palavras não ditas se façam ouvidas. Para que eu mesma as escute no exato momento em que elas saem das pontas dos meus dedos. Escrita que queima todos os papéis. Papéis e palavras que simplesmente são de vida própria, independente de mim, apenas saem caminhando pelo quarto, pela casa inteira, abrem o portão e saem nuas pelas ruas. Eu não controlo, eu não escolho, eu não as penso antes delas serem. Apenas são e existem antes de minha existência. São as palavras que me precedem. É como se este corpo que escreve fosse apenas um meio,



Livro iluminam

Impresso em Pólen Soft 80g/m²
São Paulo para Editora Penalux, em março de 2021.